

A guerra é a economia por outros meios*

Raquel Varela**

Resumo:

A entrada formal da OTAN nesta guerra implicaria o começo de uma terceira guerra mundial, em que não só não seriam salvos os Ucrânianos, como morreriam milhões de pessoas: uma catástrofe. Quem olha com desdém ou como ingénuos os internacionalistas que se opõem a Putin, à UE e à OTAN, defendendo a solidariedade entre os povos, quem acha que a OTAN é uma solução, está, de facto, queira ou não queira, a defender uma chacina mundial. Por isso devemos exigir que os nossos Estados não enviem tropas nem armamento nem decretem sanções – são atos de guerra que só levanamente e com total desconhecimento da história da Europa se podem apoiar.

Palavras-chave: OTAN; União Europeia; Guerra na Ucrânia; Capitalismo.

War is the economy by other means

Abstract:

NATO's formal entry into this war would imply the start of a third world war, in which not only would the Ukrainians not be saved, but millions of people would die: a catastrophe. Whoever looks with disdain or as naive on internationalists who oppose Putin, the EU and NATO, defending solidarity between peoples, whoever thinks that NATO is a solution, is, in fact, whether they like it or not, defending global slaughter. That is why we must demand that our States do not send troops or weapons or enact sanctions – these are acts of war that can only be supported lightly and with total ignorance of the history of Europe.

Keywords: NATO; European Union; War in Ukraine; Capitalism.

* Este artigo colige uma série de artigos que publiquei na imprensa generalista entre 2021 e 2022.

** Doutora em História Política e Institucional pelo Instituto Universitário de Lisboa. Professora da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. End. eletrónico: raquel_cardeira_varela@yahoo.co.uk
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6121-1379>

Não existe paz na guerra

Os impérios são antigos, mas o imperialismo é novo. Nasceu na época contemporânea em que o capitalismo passou de concorrencial a monopolista, no fim do século XIX, quando todos os espaços da Terra tinham sido conquistados e divididos – a partir da divisão colonial no congresso de Berlim de 1885 –, e tudo culminou na I Guerra Mundial, que “ia acabar no Natal” e durou 4 anos. Até a Revolução Russa lhe ter posto termo. Imperialismo quer dizer que um capitalismo não pode sobreviver sem avançar sobre o outro.

Os que apoiam Putin, de um lado, ou a OTAN, de outro, vivem segundo o modelo da guerra fria, acreditam que revoluções são uma miragem ou contraproducentes, e que por isso a ameaça permanente da guerra seria condição para a paz. Ignoram que enquanto existirem impérios, dois, três, ou um, a guerra e o terror serão a realidade porque o imperialismo implica sempre, no quadro da concorrência, o expansionismo.

À crise de 2008, às medidas de gestão da pandemia e à ascensão da China junta-se uma crónica crise de sobreprodução (na Idade Média as crises eram de escassez, no capitalismo são de sobreprodução) que dura desde a década de 1970 e que foi sendo matizada com o brutal crescimento das dívidas públicas (o fim de Bretton Woods), os investimentos estatais nas empresas e a abertura do mercado chinês, que duplicou a força de trabalho à escala mundial. O neoliberalismo é isto, Estado económico máximo, garantido pelas dívidas “públicas”, Estado social mínimo para pagá-las. E agora Estado militar. Os liberais e a direita, que nunca saíram à rua por um direito laboral ou social, foram os primeiros a fazer rufar os tambores da guerra, pedindo a intervenção da OTAN.

Quando entre 2008 e 2012 estive, com vários colegas do mundo inteiro, em conferências de análise da crise (algumas na Alemanha), e dizíamos que a única forma de transformar o dinheiro impresso em 2008 em capital era com uma produção militar à escala de uma guerra mundial, éramos olhados como extraterrestres. A guerra e as revoluções aceleram a história – hoje estamos à beira de uma guerra mundial, e todos acham normal pronunciar-se a mais sórdida de todas as expressões: guerra mundial.

Eradicar a fome com uma economia planificada e dirigida às necessidades custaria ao mundo 45 mil milhões de dólares/ano, metade do que a Alemanha vai investir agora em armamento. Não foi Roosevelt que terminou com a crise de 1929. As taxas de desemprego de 1929 só foram revertidas na totalidade quando os EUA entraram na II Guerra Mundial, em 1941. Foi a economia de guerra, ou seja, transformar *desempregados em soldados*, forças produtivas em fábricas de máquinas de destruição, que reverteu a crise de acumulação. Em 1937 o *New Deal* passou a *War Deal*, cortaram-se 800 milhões de dólares ao seguro social e aos trabalhos públicos, e aumentaram-se os gastos militares, que cresceram 400 milhões de dólares em 1939.

No meio desta imensa complexidade o essencial é isto. Nenhuma liberdade chegará à boleia de um tanque, russo, alemão ou americano. Foi assim em 1956 na Hungria, em 1968 em Praga, foi assim no Afeganistão e na Líbia, é assim na Palestina. É assim hoje na Ucrânia. Enquanto aceitarmos que os Estados são os únicos atores da história e não entrarem em cena as resistências populares e de trabalhadores, o que teremos é mais guerras. Os Estados são os responsáveis, não as populações.

O significado das sanções: empobrecimento geral dos trabalhadores no mundo

As sanções económicas são uma arma de guerra que empobrece os povos. Abatem-se sobre todo o povo russo, ucraniano e europeu, penalizam as oposições na Rússia, castigam o povo ucraniano que aí vive – 2 milhões; punem aqueles que na Europa lutam pela paz. Ajudarão, quiçá, a reforçar o nacionalismo grão-russo e a liderança de Putin. O papel das sanções, bem como a anunciada venda de armas da UE à Ucrânia têm um significado político central que pouco tem a ver com a ajuda humanitária ou a preocupação por parte da UE com regimes autoritários, os apregoados “valores europeus” (que na Palestina, na Arábia Saudita, na Líbia, na Síria, na Polónia e na Hungria são metidos na gaveta e desaparecem amiúde dos *media*). As sanções são um sinal claro de que a UE, dirigida pela Alemanha e sob a égide da OTAN, entrou indiretamente nesta guerra, e nós não fomos consultados.

A Rússia não é o Irão. Estimava-se que as sanções implicasse uma contração de 11% do PIB na Rússia e de quase 1% no mundo, sendo que a massa de capitais ardidos acaba por ser maior a nível mundial – uma contração de 11% na Rússia é uma quebra de 150 mil milhões de dólares; de 1% no mundo são 750 mil milhões. Os prognósticos confirmaram-se em 2023. O preço do trigo subiu e o barril de petróleo, num quadro de ausência de lutas do mundo do trabalho isto significa fome, devastadora nos países periféricos. E queda geral dos salários na Europa Ocidental. O capital arde na fogueira da geoeconomia... Destroem empresas pequenas, aumenta a venda de armas; não há pão, sobram canhões. Uns choram, outros vendem lenços.

As sanções não são boicotes organizados pelos trabalhadores da produção ou da cultura, e com alvos específicos. Como o seriam uma greve nas fábricas de armamento, ou se os estivadores ou os camionistas se recusassem a carregar armamento para a guerra, ou um grupo recusar-se a cantar na Rússia. Vieram atreladas ainda à censura, de jornalistas, de filmes e até de livros.

O economista Michael Roberts analisou a Conferência para a Reconstrução da Ucrânia realizada em 2023 (CRU-23), em Londres, que veio na continuação de

um ciclo de encontros iniciado em 2017¹: “A UE veio anunciar um investimento de 50 mil milhões de dólares para ajuda à Ucrânia. A onnipresente companhia de capitais privados Blackrock e o gigante da banca norte-americana JP Morgan alinharam na angariação de capitais privados para a reconstrução da Ucrânia. [...] “Haverá diversos sectores de fundos classificados como prioritários para a Ucrânia. O objectivo é maximizar a participação de capitais. [...] O Banco Mundial calcula o custo da recuperação e reconstrução da Ucrânia após um ano de guerra com a Rússia em 411 mil milhões de dólares, ou seja, o dobro do PIB ucraniano antes da guerra. [...]”.

O Governo da Ucrânia pretende criar uma economia capitalista de *mercado livre* dentro da UE, respaldada no armamento da OTAN. Não está previsto investimento público, excepto no caso de “grandes perdas”; será o reinado absoluto das empresas capitalistas; e os interesses dos trabalhadores, sociais e dos serviços públicos serão relegados.”

Além da supressão dos partidos de esquerda e da censura o governo ucraniano destruiu o direito à negociação colectiva, contra-reformas na lei das pensões, que se traduzem em cortes radicais. “Ambos os planos foram redigidos muito antes da invasão russa, mas o estado de emergência do tempo de guerra ajudou muito a capacidade do partido para implementar a sua agenda – cuja animosidade anti-laboral até entrou em conflito com a normalmente moderada Organização Internacional do Trabalho [...]”.

Finalmente lembra o economista: “grande parte desta ajuda ocidental consiste em empréstimos, e não em doações, de modo que as futuras gerações ficarão sujeitas ao jugo da dívida”. A maior parte dos empréstimos é de longo prazo, isto é, 25 anos (antes da guerra o prazo médio era de 15 anos). E a Ucrânia não terá de reembolsar a sua dívida antes de 2033, segundo o Conselho Europeu. É um período de graça sem precedentes. Mas, apesar dos juros bonificados, o serviço da dívida à UE sairá caro.

Para resolver este problema, Bruxelas inventou um mecanismo de “juros subsidiados”: os juros serão pagos pelos países da UE, em vez da Ucrânia. O “*juros subsidiado*” já foi aplicado aos empréstimos à Ucrânia em 2022. Contudo, em 2023, nova faceta foi acrescentada às condições de empréstimo de €18 mil milhões da UE: o subsídio só será prestado, na condição de «terem sido cumpridos os pré-requisitos políticos”.

¹ Michael Roberts, Reconstruction Ukraine, The Next Recession, 24 de Junho de 2023 (tradução de Rui Viana Pereira para CADTM).

Guerra e economia ou economia de guerra

O capitalismo implica uma luta entre patrões e trabalhadores. Mesmo quando não se expressa em greves ou revoluções, exprime-se no dia a dia na luta pelos contratos, ou contra a exaustão laboral. Mas também implica uma luta entre empresas, corporações. E entre Estados que defendem as suas empresas. Ao contrário do que afirmavam os teóricos da globalização, os Estados não perderam força em face de um panfletário “capital sem rosto”. Nesta competição doentia que arrasta toda a sociedade, impedindo a cooperação, os Estados são o instrumento fundamental quando a guerra passa a ser a economia por outros meios.

As sanções deixaram de fora 70% das exportações russas – petróleo, gás e combustíveis – de que depende a indústria alemã; são uma forma de expropriação dos bilionários russos (ontem eram “empresários” bons para investir, agora são “oligarcas” a expropriar). A suspensão do código SWIFT tem um efeito na Rússia – empurrá-la para fora da Europa (a Rússia é parte da Europa!) para uma aliança com a China –, o que encaixa com a visão expansionista da OTAN, que desenvolve no mar da China, com a Austrália, um cerco militar à China, semelhante ao que desenvolve na Europa de Leste com a expansão da OTAN. Os EUA acabaram de aprovar o maior orçamento militar da sua história (US \$778 mil milhões), e só a duplicação do orçamento militar alemão anunciado (mais 50 mil milhões) coloca a Alemanha com mais investimento militar do que o orçamento militar russo total (60 mil milhões).

Ironia previsível da história: sob o Governo mais “verde” da Alemanha anuncia-se na UE a energia nuclear como verde (ficou claro agora que enquanto houver guerras a energia nuclear é uma ameaça à humanidade) e a remilitarização do país condutor da UE. A reestruturação produtiva (“transição verde”) “para fazer face à crise de 2008, a ser levada até ao fim, implicaria a implosão dos direitos conseguidos pelos trabalhadores, do Estado social, a pretexto dos subsídios públicos às “energias limpas”, que – mesmo com externalização da parte suja para outros países – seriam insustentáveis. É neste quadro que, segundo vários pensadores alemães, surge a remilitarização da Alemanha – reestruturação verde se possível, militar se necessário.

Uma Ucrânia entre os EUA/UE e a Rússia

A história é a chave da compreensão do mundo. Mas o segredo desta chave, desde a revolução industrial, é a teoria do valor-trabalho. A Ucrânia tem um governo neoliberal, com uma das populações mais pobres da Europa, onde se aplicaram as receitas do FMI (onde estão à mesma mesa EUA e Rússia). A Ucrânia perdeu 8 milhões de pessoas em dez anos para o exílio económico (emigrantes). Tem um PIB anémico, porque é um país com 14% da população na agricultura, pequenos camponeses, e com a região industrial da bacia do Donbass em guerra

civil, da qual fugiam investidores. A Ucrânia tem das terras mais produtivas do mundo (1/4 das terras negras do mundo), e, até 2020, era proibida a venda dessa propriedade, o que mudou então com Zelensky. Está em marcha um megaprocesso de venda e concentração de propriedade dessas terras superprodutivas.

A Ucrânia, que passou legislação a impor o ucraniano como língua, num país bilingue, também tem os seus “oligarcas” e o Governo é cúmplice da extrema-direita – a Ucrânia é a base de treino militar europeu da extrema-direita. Ao lado está a Polónia, cujo governo, apoiado pela extrema-direita, recebe agora o apoio militar da UE e da OTAN, e que anunciou há 2 meses a construção de um muro contra os refugiados. Pouco antes tinha-se aí realizado a conferência europeia da extrema-direita.

Nada disto autoriza a conclusão de que a Rússia está em mera autodefesa ou a “desnazificar” a Ucrânia. A proteção dos russos de Donetsk e Lugansk foi apenas uma desculpa perfeita e ansiada pelo Estado russo. Este vê-se a braços com a ameaça da sua própria desintegração e diminuição da sua área de influência. Acabou de esmagar, com a felicitação pública dos EUA, a revolta popular do Cazaquistão – no Ocidente chamaram-lhe “pacificação”. O Estado russo convive bem com a sua própria extrema-direita, que em Moscovo não é perseguida, ao contrário dos ativistas antiguerra.

Je suis cosmopolita!

Só após os protestos veementes do realizador ucraniano-bielorosso Sergei Loznitsa a Academia de Cinema Europeu condenou a invasão ucraniana. Ainda estava fresca a carta que este lhes tinha dirigido, onde declarava sair da associação europeia pela sua posição “vergonhosa” sobre a guerra, uma vez que esta recusava condenar explicitamente a invasão, quando a Academia de Cinema da Ucrânia expulsa o mesmo Sergei Loznitsa...por este se ter oposto à perseguição aos cineastas russos. Diz-se que a grandeza de uma pessoa se vê pela qualidade dos inimigos.

Na nota pública, a Academia Ucraniana condena o, cito, “cosmopolitismo” do realizador. E afirma que a sua obrigação era “defender a identidade nacional”. Loznitsa, autor de vários filmes, entre eles *Donbass* (Ucrânia, 2018), em estreia em Portugal, e *Funeral de Estado* (Lituânia, 2019), onde denuncia o culto da personalidade a Estaline, respondeu o seguinte à associação ucraniana: a posição desta “não expressaria um desejo de unir todas as pessoas sãs e amantes da liberdade na luta contra a agressão russa, não expressaria um esforço internacional de todos os países democráticos para vencer esta guerra, mas sim a ‘identidade nacional’. Infelizmente, isso é nazismo. Um presente para a propaganda do Kremlin da Academia Ucraniana de Cinema.” Sublinhou ainda o significado antisemita da acusação de “cosmopolitismo”. Ao *The Guardian* o realizador sublinhou que esta resposta, ultranacionalista, já vinha de longe. O seu último filme em concurso é

sobre o massacre de 33 mil judeus europeus pelos nazis alemães e seus colaboradores ucranianos, em 1941, em Kiev.

Na década de 1930 Leon Trotsky denunciou o “socialismo real” de Estaline, que queria fazer dos artistas servos do realismo socialista. Ou seja, de uma representação edulcorada da ditadura de partido único. Em debate com André Breton, os dois fundaram a Federação Internacional de Arte Revolucionária Independente (FIARI), contracorrente do imperialismo de Washington e da burocracia de Moscovo, Trotsky escrever-lhe-á que a política é o reino da necessidade, e a arte, o da liberdade. “Toda a liberdade em arte.”

Confesso que sou leitora assídua de Mário Vargas Llosa, e ele foi apoiante da ditadura no Peru. Não jantaria com ele, e ele certamente não quereria jantar comigo, mas a obra e o homem não são o mesmo. O Ocidente, a começar pelos Estados que aqui reinam, têm muito a aprender sobre liberdade e quase nenhuma lição a dar nesse campo. Leio Llosa, leio Althusser, porque é um autor importante na minha área e do qual discordo, e que matou a mulher antes de se suicidar, e nunca deixarei de ler apaixonadamente Balzac, um reacionário confesso. No reino de Estaline, de Putin e das instituições ocidentais que aderiram a esta tese, os artistas são do Estado, estão ao serviço de uma causa. No reino da liberdade não. Quando esquecemos isto?

É-me indiferente se um realizador de cinema russo é apoiante ou não de Putin. Não o defendo a ele, defendo a sua obra. O mesmo para um desportista.

O que nos custa a admitir é que desde a “guerra ao terrorismo”, passando pelas medidas de gestão da pandemia e agora da guerra da Ucrânia, e antes, o que se tem imposto nas sociedades ocidentais é o cancelamento dos opositores, a impossibilidade real de contraditório e a criação de uma caricatura “pura” de gente que só existe nos frios decretos das instituições.

Outrora de pomba branca na lapela, defendem hoje a expulsão de cidadãos russos das artes, ciências e desporto, não fazendo distinção entre uma ação dos Estados e a punição de povos; olhar para o lado quando nos impõe censura ou transformam os órgãos de comunicação em folhas de propaganda; quando vejo figuras públicas denunciar um jornalista que trabalha, entre outros, para a CNN como “apoiante dos russos”, sinalizando-o para as forças ucranianas, pondo em risco a sua vida; quando olho a naturalidade com que o Presidente da República usa a tribuna da Revolução dos Cravos para pedir aumento dos orçamento militar, enquanto o Chega, de identidade nacional no peito (com a bandeira em pin), aplaude a cruz de ferro de Zelenskii, um símbolo ultranacionalista orgulhosamente ostentado pelos nacionalistas e pelas forças neonazis ucranianas, penso que falta nos fazer o “cosmopolitismo” e a luta frontal contra a identidade nacional.

O que tudo isto nos ensina é que se Putin queria desnazificar a Ucrânia – só ingênuos podem acreditar nisso – conseguiu justamente o contrário: radicalizar e

incentivar o extremismo e as políticas de extrema-direita identitárias ucranianas. Do lado ocidental, Putin também fez um belo serviço: demonstrou, em poucos meses, que os valores europeus de liberdade podem ir pelo cano abaixo quando a Europa (leia-se Estados da UE) se sente ameaçada no que considera o seu espaço de influência. O mais grave, a guerra da Ucrânia legitima o treinamento oficial de milícias neo-nazis e naturaliza aos olhos dos Estados da UE estas milícias como “resistentes” ao mesmo tempo que choram os votos em Le Pen.

Os artistas não podem estar ao serviço de qualquer amo, a Leste ou a Oeste. No meio do delírio xenófobo que expulsa alegremente desportistas, músicos e artistas russos, mostrando a Putin que na Europa há muitos como ele, Loznitsa mostra uma outra via. A da liberdade.

Condenar a invasão, derrotar a guerra, implica do nosso lado a coragem de dizermos que o nosso apoio ao povo ucraniano não pode ser um apoio ao Estado ucraniano, quando este opta pelo silenciamento das oposições, dos partidos e dos *media*, como optou Zelenslii, nem a instituições que segregam a vida comum entre povos. Não se derrota Putin com as armas da censura, do medo, da repressão.

Numa das cenas do bem-humorado livro *O Valente Soldado Chveik*, um libelo antimilitarista e uma sátira à luta entre nações, a personagem explica que não podia matar um professor de Matemática de outra nacionalidade já que ele também era professor de Matemática... Não me vejo a matar um professor de História, mesmo que o seu Estado invadissem o Estado onde nasci. Nem um operário naval, nem uma enfermeira, nem um camionista nem um médico. A ideia de Jaroslav Hasek, autor deste famoso romance checo, era simples: denunciar as guerras como feitas pelas classes proprietárias, onde os pobres e os trabalhadores iam morrer. Já agora, parece que Hasek terá sido acusado de traição e bigamia, deverá ser queimado? A que temperatura?

Guerra na Europa: da caixa de Pandora saíram todos os males do mundo. Mas também a esperança

“Se está contra a invasão de Putin e contra a OTAN, qual é a sua solução?”, têm-me perguntado estes dias. O que fazer afinal perante uma invasão injustificável, com parte de um país sob fogo e três milhões de refugiados (que se prevê poderem chegar a cinco milhões)?

A UE e os seus países tentaram convencer a população europeia de que havia três coisas a fazer: remilitarizar a Europa, aplicar sanções económicas à Rússia e armar a “resistência ucraniana”.

Nada disto servirá – é o meu argumento – para derrotar Putin e proteger o povo ucraniano. Muito pelo contrário.

A única coisa que poderia derrotar no imediato o Exército russo, que tem armas nucleares, seria uma intervenção da OTAN. O que significaria uma Terceira Guerra Mundial. MIGs, zona de exclusão aérea, que Zelensky tem pedido à OTAN, queixando-se de “abandono”, significaria na prática uma chacina mundial, dos ucranianos e de todos nós em níveis potencialmente apocalípticos. Milhões morreriam.

É talvez aqui que se encontre a explicação para os apelos de Estado à “resistência”. Pese embora os apelos, até de alguns líderes europeus, a “voluntários” (comparando com a guerra civil espanhola), à mobilização não responderam em massa os ucranianos nem os europeus, mas milícias, ex-militares expulsos do exército, ex-criminosos (segundo a imprensa oficialmente armados por Zelensky) e grupos de extrema-direita e neonazis de todo o mundo – de 52 países, segundo o jornalista de investigação Ricardo Cabral Fernandes e várias ONG especializadas no tema.

Generais do Exército em Portugal, e diplomatas pró-OTAN (o próprio ex-ministro Azeredo Lopes) chamaram publicamente a atenção para a caixa de pandora que se abre com o armamento destas milícias extremistas. Porque não estão sob a alçada do direito internacional e podem cometer todo o tipo de atrocidades, estão fora da lei. Noutras guerras, no passado mais ou menos recente, isso deu origem a grande parte dos grupos terroristas que atacaram civis indiscriminadamente na Europa, nos EUA e no resto do mundo. É, pois, com espanto que vejo a naturalidade com que defensores incondicionais dos “valores europeus”, da paz e da democracia, que vão agitando o papão fascista para apelar ao voto útil, a assistir a isto em silêncio, afirmando que não passa de propaganda russa. A Rússia não pretende “desnazificar” a Ucrânia, até porque levou os seus nazis para combater na Ucrânia. Mas isso não autoriza a assistir-se ao armamento de milícias do mesmo calibre.

O fascismo não é uma corrente de opinião, nem um corpo de ideias – é o culto, organizado, da morte, através de milícias. Desde a revolução italiana de 1919-20, os Estados democráticos convivem mais ou menos com estes grupos fascistas consoante lhes são úteis para combater greves e revoluções: o princípio maquiavélico de que o “inimigo do meu inimigo é meu amigo”. A vida é mais complexa. Em diplomacia, a linguagem dos Estados, todos os amigos são falsos e todos os inimigos reais. A comparação destes mercenários com a esquerda militante que se bateu na guerra civil espanhola é patética.

Senão, vejamos. Todas as ideologias podem degenerar e, para Hanna Arendt, o nazismo, o estalinismo e o imperialismo tinham como características comuns o totalitarismo. Mas os democratas, comunistas, anarquistas e trotskistas, muitos deles mortos por Estaline, lutaram em Espanha pela distribuição de terras aos trabalhadores agrícolas da Andaluzia, pelos direitos dos mineiros das Astúrias, pela democracia nas fábricas de Barcelona. Os fascistas espanhóis tinham outro grito:

“Viva la muerte!” Lutavam pela propriedade privada dos latifúndios, das fábricas e das minas. Sendo poucos (os ricos, de facto, são poucos) e tendo o Exército dividido (uma parte com a revolução), sobrava-lhes financiar milícias, recrutadas nas catacumbas da sociedade e a inestimável ajuda da Itália fascista e da Alemanha nazi. Em Espanha houve uma guerra civil com uma revolução. Na Ucrânia há uma guerra de defesa nacional contra um invasor.

O Estado Russo avisou desde o início que estes “voluntários” não seriam tratados como prisioneiros de guerra. A Rússia respondeu mobilizando as suas milícias pró-nazis, nomeadamente da Chechénia e da Síria. É uma espécie de “sacanas sem lei”, só que isto não é um filme de Tarantino. A Ucrânia ameaça tornar-se um campo de treino mundial da extrema-direita. Um atoleiro como a Síria.

Pelo que sabemos hoje não vão para a Ucrânia trabalhadores em massa. Pelo contrário, há uma lei que os impede, aos homens que lá estão, de fugir do país e da guerra. Todos os homens entre os 18 e os 65 anos estão impedidos de sair.

Pergunto-me, se a fuga fosse possível, quantos ficariam nestas condições a lutar e quantos fugiriam? E o que faremos aos ucranianos que estão contra Putin, mas não apoiam o Governo de Zelensky, nem a guerra, que querem paz e que temem os grupos armados que se instalaram no seu país? Chamamos-lhes “cobardes” e apelamos à “pátria”? É que esse tem sido o mediático discurso patriótico e viril. A mesma pergunta tem de ser feita para o Exército e a população russas: quem de facto apoia esta guerra na Rússia? É por isso que ver cidadãos europeus a pedir o cancelamento da cultura russa, animados de extremismo russófobo, deve envergonhar-nos.

Para lá da propaganda de ambos os lados, fica outra grande questão: qual é a real capacidade de mobilização dos Estados hoje para uma guerra nacional, de expansão ou defesa? (abordarei este tema noutro artigo).

Poderá vir a haver uma resistência revolucionária e democrática na Ucrânia. Que uma ucranianos e russos (oxalá!), com os métodos usados nas greves em fábricas na I e na II Grandes Guerras, ou as deserções em massa como na I Guerra, ou, mais raro, porém possível, confrontos dentro do próprio Exército, *a la* MFA português. Nada disso, com as informações de que dispomos, existe hoje. Aí, se houver uma resistência de esquerda, progressista, que procure unidade com sectores de algumas oposições da Rússia, não serão os fascistas e mercenários da Ucrânia e da Rússia os primeiros a disparar contra qualquer oposição de esquerda à guerra? Não foi isso que aconteceu na Síria onde a resistência laica e progressista foi dizimada? A bandeira amarela e azul, como todas as bandeiras da “pátria”, escondem os terríveis conflitos sociais e os interesses antagónicos que existem dentro de cada nação.

O que tem o Estado russo a oferecer aos Ucranianos? A mesma “terapia de choque” que ofereceu aos seus cidadãos russos, com reformas neoliberais brutais

(quando Putin e o Ocidente apertavam as mãos a aplicá-las) e censura e bonapartismo. Neoliberalismo sob ocupação: eis o significado da “libertação do nazismo” que Putin oferece. E na Ucrânia? Não há um “povo em armas”. Primeiro, antes da guerra, com as reformas do FMI que Zelensky apoiou, houve migração económica em massa para a Europa Ocidental e para a própria Rússia, 8 milhões ficaram sem terra onde possam trabalhar e viver. Agora são bombardeados pela Rússia, com uma “resistência” neonazi a defendê-los e um governo que apela a uma guerra mundial. Este é o triste cenário que temos pela frente.

O que fazer no imediato? No imediato, aqueles que se opõem à guerra são os mais desarmados.

Há um enorme défice de ideologias emancipadoras, de consciência de classe (todos se acham nacionais de algum lado, mas ninguém se acha parte da classe trabalhadora), de internacionalismo organizado, sindicatos e partidos com um programa de esquerda e força social de massas.

O capitalismo, alcinhado de neoliberalismo, tem-se dedicado sistematicamente a dividir, atomizar, individualizar as classes trabalhadoras. *“There is no such thing as society. Only individuals”*, dizia Margaret Thatcher. “A sociedade não existe. Apenas indivíduos.” O programa da Thatcher, aplicado obstinadamente pelas classes dominantes ao longo das últimas décadas, mostra-nos agora os seus frutos podres no coração da própria Europa: guerra e barbárie.

A esquerda, acossada ou cooptada pelo “sistema”, tem vindo a recuar, a baixar as suas bandeiras, na esperança talvez de, como dizia com amarga ironia um amigo já falecido, “se continuarmos a recuar, como a Terra é redonda, um dia apanhamos o inimigo pelas costas”. Quem não faz a história é engolido por quem a faz.

Quem organiza a guerra são os Estados-nação e os negócios em torno destes. Quem morre nas guerras em nome dos Estados-nação são as classes trabalhadoras. As sanções são um garrote que não atinge os ricos, mas devasta quem vive do trabalho. Os Estados continuarão a fazer guerras e a anunciada remilitarização da Europa não nos trará paz, nem defesa contra os “russos”. Os líderes europeus, da Ucrânia e da Rússia afirmam-se como organizadores de derrotas históricas, trouxeram-nos até aqui, e querem culpar-se mutuamente por este desastre humano que é a vida em pleno século XXI.

Nós precisamos dos que trabalham e vivem do trabalho sejam russos, ucranianos, todos os povos da Europa e do mundo para haver paz e pôr fim à luta entre Estados, que é e sempre será uma expressão da luta económica por matérias-primas e força de trabalho. Geopolítica, como se diz clinicamente.

Resistir não é cometer suicídio, nem levar um povo a fazê-lo. Resistir é organizar politicamente para vencer. O que fazer? Hoje, assinar a paz, mesmo no meio de uma derrota. Amanhã organizar a resistência, para vencer. Ou derrubamos

os muros nacionais, as bandeiras do Estado-nação e nos reencontramos como género humano, ou a vida será um calvário de sofrimento.

O direito à resistência, à insubordinação contra déspotas e a luta pela emancipação contra o capitalismo são direitos inalienáveis e património de todo o género humano. O direito a ser dono do próprio trabalho e o direito à democracia são os fundamentos da vida em sociedade. O passado das classes trabalhadoras está cheio de derrotas, mas também de lutas vitoriosas, de tradições de organização e combate que ultrapassam fronteiras. E se hoje tudo parece ruir à nossa volta, lembremo-nos de que as guerras também geraram revoluções e inspiraram novas gerações de lutadores.

Quando se abriu a caixa de Pandora, de lá saíram todas as desgraças do mundo, a guerra, a discórdia, as doenças do corpo e da alma. Mas de lá saiu por último a Esperança.